Eu e Paulo Vanzolini

Me and Paulo Vanzolini

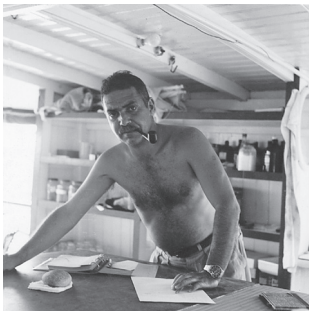
Zé Claudio[1]

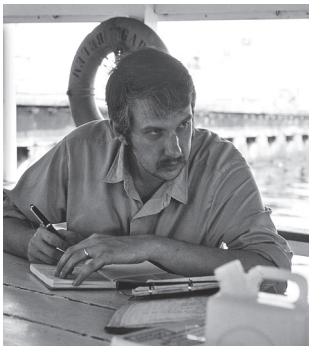
Conheci Paulo Vanzolini em São Paulo através de Arnaldo Pedroso d'Horta. Nas conversas, falávamos de generalidades, nunca de assuntos mais altos, como ciência ou arte. Uma vez, no Rio Machado, também chamado de Jiparaná, Rondônia, ele disse, depois de eu pintar um céu: "Eu sempre penso cor de céu cobalto". Não lembro que cor eu tinha usado. Eu procurava fazer a cor que eu via, sem prestar atenção a nome de cor. Sempre usei cores básicas, confiáveis, desde o Atelier Coletivo. Entre elas, azul cobalto. Mas se me perguntassem, depois de um quadro, que cores eu tinha usado, talvez não soubesse responder. Era uma coisa automática, como quem toca de ouvido. Também raramente falava de pintura com Chica, que é pintora, além de entender de drosófilas. Desde aquele dia, porém, toda vez que pego o tubo de azul cobalto, me lembro daquele céu de azul intenso por entre as árvores, de Vanzolini e do nome do rio.

Por falar em Rondônia, vou botar aqui um trecho do diário que escrevi durante essa viagem, publicado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, por intermédio de Cecília Scharlach, cuja dedicação a tornou uma edição perfeita, *José Cláudio da Silva/100 telas, 60 dias & um diário de viagem – Amazonas, 1975*:

São Carlos tem igreja que se vê de longe, duas tabernas, que aqui preferem dizer, em vez de bar, onde se joga bilhar, e mais outra, um padre fixo, posto de saúde, delegacia e cadeia, mas tudo sem nenhuma ideia de alinhamento ou rua, na lama e dentro do mato. Parece estar havendo ou ter havido guerrilha e os delegados não acreditam em 'expedição científica'. Assim que o barco encostou, apresentou-se o delegado, alvo, todo de branco, paletó e gravata, um resto de cabelo louro liso, e prendeu o barco. De nada adiantou a carta do presidente Geisel apresentada por Vanzolini, autorizando a expedição. É um

1
Zé Cláudio, como é conhecido, nasceu em Ipojuca–PE em 1932. Pintor, desenhista, gravador, escultor, crítico de arte e escritor. José Cláudio é um dos fundadores do Ateliê Coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife - SAMR, ao lado de outros artistas regionais renomados. Em 1957, recebeu bolsa de estudos da Fundação Rotelini, morando por um ano em Roma, na Academia de Belas Artes. De volta ao Brasil, passou a residir em Olinda e escrever artigos sobre artes plásticas para o Diário da Noite, do Recife. Realiza pinturas de caráter figurativo, retratando cenas regionais e paisagens do Nordeste, evitando, porém, o caráter pitoresco. O artista escreve, ao longo de sua carreira, vários textos de apresentação para exposições de pintores nordestinos, como a mostra Oficina Pernambucana (1967). Publica, entre outros, o livro Memória do Ateliê Coletivo (1978), no qual reúne depoimentos dos vários artistas que integram o grupo. É um dos pintores mais importantes da arte brasileira contemporânea, José Cláudio integrou expedição à Amazônia em 1975, a convite do zoólogo e compositor Paulo Vanzolini, que costumava levar um artista em excursões à Amazônia. Durante a viagem pelo Rio Madeira pintou cerca de 100 telas a óleo documentando aspectos da Amazônia como, as *Mulheres na beira do Rio Madeira*, em Novo Aripuanã-AM.

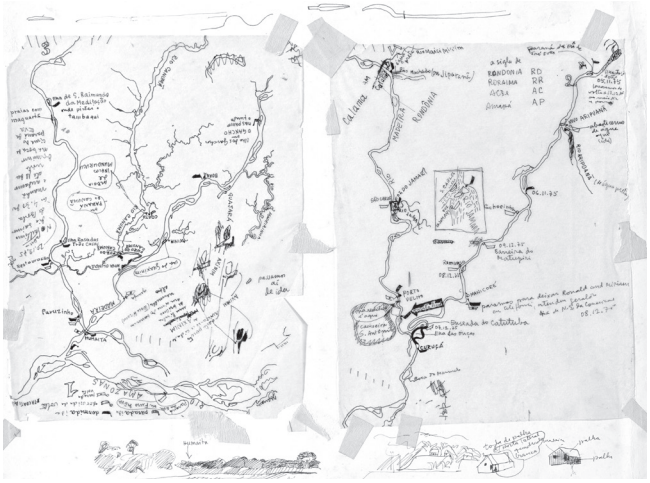




soldado de polícia, de Patos de Espinhara, Paraíba, com 21 filhos. Seu Felizardo, esse é o nome dele. Desde que chegamos, todo dia às 7 da manhã entra no barco e senta-se numa cadeira diante do meu cavalete, atento a cada traço que eu dou. Isso o dia todo. Vai almoçar e volta, permanecendo até a lavagem dos pincéis. Já é íntimo. Sotaque nordestino, me chamou de conterrâneo. Contou que tinha sido cangaceiro. Vanzolini perguntou: 'É verdade o que dizem por aí que o senhor todo ano mata um?' Ele disse compungido: 'Infelizmente nunca pude me livrar desse vício'. Na tarde de ontem, com um jeito até meio tímido, seu Felizardo disse: 'Eu também queria ter um quadro'. Perguntei-lhe que quadro queria ter: 'Um índio flechando uma arara', respondeu. Apesar de ele viver ali no meio dos índios, mas índios vestidos falando português, adivinhei que ele queria um índio de saiote de penas, cocar etc. como a gente fazia na escola. Acertei em cheio: a flecha atravessando a arara amarela, como as que cruzavam o rio voando alto aos pares, o pingo de sangue vermelho bem vivo, cortando o azul do céu. Ele parecia uma criança de felicidade. Pediu para tirar do suporte a tela dizendo que ia pregá-la atrás da janela. Preveni que a pintura era a óleo e demorava uns dias para secar: se alguém pegasse, passasse a mão, poderia estragá-la. Ele disse: 'E quem é doido?' Pensei: até um cara desses, rude, queria ter um quadro.

O que acontece é que os pintores não pintam quadros que as pessoas querem. E sim o que ele, pintor, quer. Temos falado em 'arte para o povo', mas nunca perguntamos ao povo, aos clientes, no caso, o que é que querem que pintemos. Hoje, apareceu com um revólver 38 "Smith & Wesson" niquelado, cano longo, novo na caixa original pintada por dentro de vermelho: 'Essa é a coisa mais importante que eu tenho na minha casa. Zero km. Nunca permiti que ninguém desse um tiro com ele. É seu'. Vanzolini por trás dele balançava o dedo. 'Infelizmente, Seu Felizardo, não podemos levar arma no barco', e agradeci. Tem uma filha bonita, adolescentezinha de uns 15 anos, lourinha como ele, mas assararazada, cabelo meio crespo que vem tomar banho na beira, sempre, de graúdos brincos de argola, que se chama:

Desenhos de José Cláudio da Silva



Olivéti, como a máquina de escrever. Mandou ela buscar uma bandeja de pamonhas feitas com leite de castanha, que quando nova tem leite feito o do coco. Depois ele queria trazer para bordo um saco desses de 60 kg de castanha-do-pará. Disse que o mato está cheio e ele só não traz mais porque não adianta, deixa debaixo do castanheiro mesmo, sem quebrar o coco, que aqui chamam ouriço, que é para os bichos não comerem. Liberou o barco."

Quando cheguei aqui no Recife, disse a Nara Roesler que perguntasse aos clientes o que queria que eu pintasse, que eu a partir daquele momento trabalharia assim. E de fato tem sido um sucesso até hoje, para o ano vai fazer 40 anos: nunca mais me faltou

encomenda, tenho aprendido muito, até mesmo a compreender a história da pintura e dos pintores além do quadro em si. Jackson Pollock disse que a pintura para ele era uma só. Para ele não existia isso de pintura americana ou seja lá de onde for. Que pintura era como matemática: não existia uma matemática americana. Ora, um sobrinho meu foi morar em Afogados da Ingazeira e disse que 100 reais lá era mais do que aqui no Recife. A esse respeito, me lembro de uma noite em que visitava o colega pintor Maurício Arraes aqui no Recife, no Poço da Panela. A casa estava aparentemente sem ninguém a não ser eu e ele. Falávamos sobre encomendas. Maurício argumentava que a pintura tinha lutado séculos para se desvencilhar da tutela do cliente e eu agora queria voltar à mesma submissão. Nisso uma sombra sai do jardim: Miguel Arraes, pai de Maurício. De pijama, fumava charuto em outro terracinho com a luz apagada que não dava para ver de onde a gente estava. "Zé Cláudio tem razão", ele disse, sentando numa cadeira ao lado da rede. "Quando Mao Tsé Tung venceu lá na China, quis conhecer pessoalmente aqueles capitães que haviam lutado ao lado dele e ele conhecia apenas de nome. Apresentou-se um, de região distante, e a primeira pergunta que Mao Tsé Tung fez foi: 'Qual a sua religião?' O sujeito ficou até ofendido, pensando que Mao o estivesse chamando de ignorante. Respondeu: 'Excelência, eu sou marxista, eu sou materialista dialético!' Mao disse a ele: 'Tá errado. Se você não tiver a religião do seu povo, você jamais será capaz de entendê-lo' ".

Com Vanzolini eu conversava o mesmo que com os tripulantes, gente de baixa escolaridade. Numa dessas prosas ele disse que queria ser morto por um marido ciumento louro de olhos azuis vinte anos mais moço do que ele. E com motivo, frisou.

Uma noite, numa cidadezinha, num barranco, quem sabe Manicoré, ele cantou, em voz baixa, como confidência, um samba que estava fazendo. Estávamos sentados numa mesa de bar num lugar meio escuro ao ar livre olhando para o rio, uma das poucas vezes que saímos juntos nós dois apenas. Não me ficou a menor ideia nem da letra nem da música. Ele cantava melhor os sambas dos outros do

que os dele parecendo haver uma certa inibição. Um ano ou mais depois, que quando ele passava aqui pelo Recife me telefonava para a gente se encontrar, disse-me: "Sabe aquele samba? Mudei tudinho". Mas não cantou nem disse qual era.

Nas cidades, eu saía com a tripulação: o taifeiro Alonso, o faz-tudo Filomeno, o cozinheiro Valter. O maquinista João não gostava de sair. Para guardar dinheiro, diziam os outros. Aliás, era lei no barco, passageiro não sair com tripulante. Eu era exceção, mesmo porque Vanzolini, Chica, Ronald e Mirian falavam inglês. Certa vez Mirian me perguntou, consegui entender, qual o melhor livro que ela devia ler para entender o povo brasileiro. Respondi "Casa Grande e Senzala", cujo título em inglês eu sabia: "The master and the slaves". Me animei e pedi para Vanzolini traduzir umas informações a respeito da formação da população da região amazônica, dizendo que os nordestinos foram os grandes civilizadores, não somente daquela região, na era da borracha, como mesmo do Sul, de São Paulo e Rio de Janeiro, através da grande oferta de mão-de-obra. Todo amazonense era descendente de nordestino. Mas Vanzolini ficou olhando para mim e disse que não ia traduzir tamanha bobagem.

Para me arretar, ele disse que Billy Blanco era melhor do que Manuel Bandeira. O barco era a casa dele, ele podia dizer o que bem entendesse. Mas toda vez que vejo o nome de Billy Blanco, que parece esses nomes que hoje botam, tenho vontade de gritar: "Valei-me, Manuel Bandeira!". Do Nordeste, ele adorava violeiro cantador repentista.

Outra lei do barco era que todos comiam cada um num único prato que servia tanto para o prato principal como para a sobremesa. Eu disse que não ia, por exemplo, botar um pedaço de goiabada em cima de um prato onde tinha comido peixe, que preferia comer a sobremesa na palma da mão. Aí Vanzolini mandou botar outro prato para mim. Os demais, inclusive os americanos, comiam num único prato.

No café da manhã, Vanzolini comia macaxeira frita, em vez de cozida. Eu comia cozida. Acho que tinha dos dois jeitos.

Também só tinha um copo para beber água. Ficava debaixo da torneirinha do recipiente de filtro de barro mas que não tinha vela. O copo ficava da cor de barro, com a água barrenta do Madeira. Alguns afluentes do Madeira têm água limpa, os rios de "água preta" como eles dizem. A primeira vez que fui beber água, depois de beber lavei o copo. Ele disse: "Tá querendo dar lição de higiene? Beba e deixe o copo lá". Ele disse que a água daqueles rios era limpa, que suja era água de cidade e que ali não tinha ninguém doente. Eu, que fui ensinado a não tomar sobejo de ninguém lá em casa, me submeti ao uso civilizado de beber água no mesmo copo em que outro, no caso outros, tinham bebido, sem lavar. Esse copo era usado pelos passageiros. Os tripulantes comiam no rebocador Lindolpho (nome do rebocador). O rebocador tinha luz elétrica, raramente acesa. O nosso barco, o Garbe, que navegava amarrado lado a lado no rebocador, "duas proas" como dizem lá, não. O Garbe tinha um bujãozinho de gás com uma luz em cima, forte de doer na vista, que só era aceso por algum motivo especial, como quando Vanzolini me deu um casal de rãs no amplexo para desenhar, ou um sapo de orelhas (ps. 310 e 311 do livro). Todos liam na rede, com a lanterna de pilha, dessas de mão, no ombro, hábito que conservo até hoje quando falta luz. Vanzolini lia e relia os *Lusíadas*. Também gostava de Olavo Bilac. Num dos seus livros tem uma citação de *O Caçador de Esmeraldas*. Por convicção, porque amigo de Sérgio Buarque de Holanda e artistas modernos. De samba, segundo ele, quem entendia era Maria Amélia, mulher de Dr. Sérgio.

Os barcos de pesquisa estrangeiros têm lugar para cada especialidade, refrigeração etc. que eleva o custo da expedição. No Garbe, o laboratório único era a mesa em que a gente comia. Eu ficava vendo preparar os bichos. Há um livro de Vanzolini sobre essa preparação. Cheguei a mandar várias cobras que eu pegava aqui quando fazia esculturas na pedreira de Comporta. Vanzolini disse que no Nordeste tem mais cobra do que na Amazônia. Primeiro tem que pegar a cobra sem estragá-la. Depois injetar cuidadosamente formol pelo ânus, apalpando o tubo digestivo para a passagem do formol até cair um

pingo pela boca, com muita atenção para não deformar o pescoço. Se ainda viva, jogá-la num recipiente com formol: ela própria o engole e se enrosca naturalmente. A segunda maior cascavel do Museu de Zoologia da USP, de que Vanzolini era diretor e onde passava a maior parte do tempo quando não estava nessas expedições, fui eu que mandei. Uma vez visitei-o lá. Ele mostrou-a dentro de um vidro enroscadinha do jeito que mandei. Eu botava numa caixa de charutos e mandava pela Varig como "perecíveis". Era uma prateleira cheia de vidros contendo cobras. A certa altura, aliás bem detrás da "minha" cascavel, ele empurrou os vidros e tirou uma garrafa de "Pirassununga". Tomamos uma "bicuda", como dizia o taifeiro Alonso. O tira-gosto dele era uma baforada no cachimbo.

A última vez que nos vimos foi num encontro na Pinacoteca sobre Arnaldo Pedroso d'Horta, amigo comum, organizado pela filha Vera d'Horta. A única coisa que ele disse, quando Vera lhe deu a palavra para começar o debate, foi que falássemos pouco, em homenagem a Arnaldo, que era de pouca conversa. Estava na cadeira de rodas, como o amigo Fernando Lemos, pintor, também presente. Me deu dois filmes, "Um homem de moral" e outro sobre ele no Amazonas.

Meu pai teve seis filhos. Destes, somente um, além de mim, do sexo masculino, que morreu quando mamãe estava no oitavo mês, de um susto; um boi se desgarrou da boiada que passava na rua em Ipojuca e entrou na loja de meu pai. Esse meu irmão ainda não tinha nem nome. Me lembro, vi a parteira querendo reanimá-lo, como aconteceu com Picasso: só que, Picasso, dado como morto e jogado em cima de uma mesa na sala, a parteira voltando para o quarto

para socorrer a mãe, um tio que fumava charuto deu-lhe uma baforada na cara, ele tossiu e tornou, para glória da humanidade (Arianna Stassinopoulos Huffington, *Picasso/créateur et destructeur*, Éditions Stock, 1989, presente dos amigos Sèrge Barthèlemy e Lilian). Meu irmão não sobreviveu. Deram-lhe banhos cada vez mais quentes até queimar a pele mas sem resultado. Sempre ando à cata dele o resto da vida e às vezes o identifico. Vou acrescentar a Paulo o mesmo nome meu: Paulo Vanzolini da Silva.